

## PARADOXO BUCÓLICO: PARQUE DAS GARÇAS, BRASÍLIA

### BUCOLIC PARADOX: HERONS PARK, BRASÍLIA

Frederico Rosa Borges de Holanda<sup>1</sup>

#### Resumo

Estudo do Parque das Garças, Brasília. Aspectos locais do parque e sua inserção na cidade. Caracterização dos capitais aqui encenados e de seus correlatos habitus, a partir de uma revisão crítica desse dois conceitos-chave de Pierre Bourdieu. Levantamento dos atributos dos frequentadores e das atividades realizadas, captados mediante observação direta e questionários inquirindo diretamente os sujeitos sobre renda, cor autodeclarada, local de moradia, meio de transporte para chegar ao Parque, tempo de permanência nele, a primeira ideia que o parque evoca etc. Reflexão sobre o aparente paradoxo de o parque ser frequentado por classes de renda média-baixa, num bairro de elite. O futuro do parque, propostas existentes, implicações quanto à diversidade social dos que o frequentam.

**Palavras-chave:** Brasília, Parque das Garças, parque urbanos, capital arquitetônico, apropriação social dos lugares

#### Abstract

Study of Parque das Garças (Herons Park), Brasília. Local aspects of the park and its insertion in the city. Characterization of the capitals enacted here and their related habitus, based on a critical review of these two key concepts by Pierre Bourdieu. Survey of the attributes of the subjects and the activities they carry out here, captured through direct observation and questionnaires directly asking people about their income, self-declared colour, place of residence, means of transport to get to the park, length of time spent here, the first idea that the park evokes etc. Reasoning on the apparent paradox of the park being frequented by middle-low-income classes in an elite borough. The future of the park, existent proposals, implications regarding the social diversity of those who use it.

**Keywords:** Brasília, Herons Park, urban parks, architectural capital, social appropriation of places

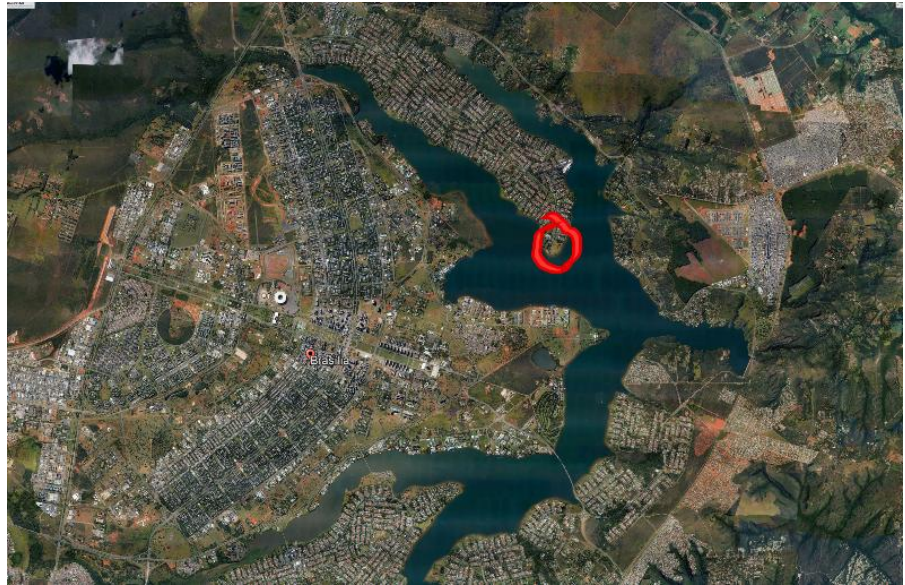
---

<sup>1</sup> Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, <https://orcid.org/0000-0002-3592-2246>, [fredholanda44@gmail.com](mailto:fredholanda44@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este estudo foca o Parque Ecológico das Garças (doravante PG),<sup>i</sup> Brasília: um parque público da Capital à beira do lago Paranoá, situado na ponta da Península Norte (Figura 1, Figura 2), numa posição paisagística privilegiada, com vista para o Eixo Monumental – o espaço simbólico por excelência da cidade, onde estão os órgãos do Governo Federal – através da lâmina d'água que banha o lado sudoeste da península (Figura 3). Esta abriga o bairro Lago Norte, o quarto mais rico de Brasília, e arredores (Região Administrativa XVIII, no jargão local).

*Figura 1. Localização do Parque das Garças no contexto dos arredores do Plano Piloto. (Fonte: figura adaptada a partir de imagem extraída do Google Earth.)*



*Figura 2. Parque das Garças, poligonal. (Fonte: figura adaptada a partir de imagem extraída do Google Earth e [17].)*



Figura 3. Vista do Eixo Monumental a partir do Parque das Garças



O PG ocupa hoje uma superfície de 108.000 m<sup>2</sup>, mas a futura poligonal prevista em projeto envolve uma área de 162.573 m<sup>2</sup> (Figura 3). Quanto aos equipamentos, conta apenas com um conjunto de aparelhos para musculação e um serviço de banheiros. O resto da área é ocupado por uma ciclovia pavimentada, trilhas não pavimentadas, arvoredos, áreas de gramíneas de um cerrado degradado, e alguns trechos de orla preparados como praia, que as pessoas adentram para banhar-se no lago. Portanto, é deficiente em termos de equipamentos que possam atrair um público amplo.

O parque tem uma atmosfera de paz e uma forte identidade como ponta de península, rodeado de água por quase todos os lados. Além de seu caráter, o estudo foi também motivado por um aparente paradoxo: localizado num bairro rico, distante do centro da cidade, precariamente acessível por transporte público, sua frequência parecia mais popular que o perfil social da vizinhança, e igualmente mais popular que o Parque da Cidade (doravante PC), mais central e mais bem servido por transporte público.

O escopo teórico-metodológico parte da Teoria da Sintaxe Espacial (doravante TSE), proposta inicialmente por Bill Hillier e colegas da Bartlett School of Architecture, Universidade de Londres, e exposta com maior inteireza por primeiro no livro que ele assina com Julienne Hanson, *The social logic of space* (1). No entanto, o escopo é concomitantemente mais restrito e mais amplo que o da TSE: 1) mais restrito, enquanto não utiliza os aplicativos especialistas da TSE, embora se inscreva nos interesses centrais dela: relações entre a configuração do lugar e sua apropriação pelas pessoas, no espaço e no tempo, sistemas de encontros e esquivações; 2) mais amplo, enquanto, além da abordagem estrita da TSE, há interlocuções com autores como Milton Santos (2) e Pierre Bourdieu (3).

## INTERLOCUÇÕES

Em nosso grupo de pesquisa,<sup>ii</sup> vimos explorando o conceito de capital, central na obra de Pierre Bourdieu (3), para discutir a arquitetura e sua apropriação pelos sujeitos (4, 5, 6, 7). Para o sociólogo francês vivemos em sociedade a

mobilizar / materializar / concretizar / objetivar... encenar (o verbo aqui preferido) capacidades, meios, ativos, recursos, poderes... capitais. Diversidade social é caracterizável pela encenação de capitais diferentes: estes são o artifício que instaura e reproduz a localização do sujeito em certo ponto da escala social, constituindo seu habitus: formas de ter, agir, pensar e sentir que marcam a distinção entre pessoas e grupos.

Bourdieu refere vários tipos de capitais: econômico, social, cultural, político, simbólico etc. No entanto, e para nossos fins, reordenamos e complementamos a tipologia bourdieusiana, ao propormos uma nova categoria: o capital arquitetônico, a referir os lugares apropriados socialmente e que, como os demais recursos, é também um precioso meio cuja posse ou usufruto distingue a gente. O capital arquitetônico é desdobrável, por sua vez, em três tipos (5). Tal desdobramento é informado por dois aspectos: 1) o da escala das instâncias arquitetônicas; 2) o da relação dessas escalas com os conceitos de fluxos e fixos de Milton Santos (2).

As instâncias arquitetônicas podem ser consideradas em quatro escalas, da maior para a menor, atualizado de Holanda (3). Primeiro, a paisagem socialmente apropriada pelas pessoas, de forma prática, através da sua presença física, ou de forma expressiva, através da sua apreensão à distância, e que pode ou não incluir conjuntos de edifícios (aldeias, vilas, cidades, metrópoles), ou edifícios isolados. O conceito de arquitetura é ampliado para incluir cenários naturais e intocados, cuja configuração, no entanto, cria um campo de possibilidades e restrições aos modos de agir, pensar e sentir, tanto quanto os ambientes artificiais – aqui, a metáfora “o céu é o limite” está próxima da literalidade. (O filme Litoral [9] exemplifica a configuração fascinante da paisagem natural ao longo de um trecho do litoral nordestino brasileiro, com as suas intrincadas mudanças de estímulos visuais – a praia que se oculta e revela, morros aqui e ali, dunas, a foz de um rio, as curvas suaves da costa.)

Segundo, a escala dos assentamentos (conjuntos de edifícios) em si, de todos os tipos (como acima: aldeias, vilas, cidades, metrópoles), abstraídos da paisagem em geral em que estão situados, e descritíveis em termos da sua configuração e das correspondentes formas de apropriação pelas pessoas. No jargão da TSE, esta é a escala “global” de abordagem, cuja extensão é uma questão de conveniência, a depender dos objetivos da investigação.

Terceiro, a escala de partes de assentamentos, constituídas por elementos construídos e os correspondentes espaços intermediários – superquadras, bairros (10) – ou simplesmente por locais públicos abertos de particular interesse – avenidas, ruas, praças, esplanadas, parques – num âmbito que permita o estudo aprofundado da sua apropriação pelas pessoas: quem, com quem, quantos, fazendo o quê, quando. No jargão TSE, esta é a escala “local” de abordagem aos assentamentos humanos.

Quarto, e finalmente, a escala dos edifícios individuais, que servem a fins específicos – uma casa (11), uma escola, um hospital, um edifício governamental. Essa é também uma escala “local”, mas agora a referir espaços inequivocamente delimitados por barreiras que o apartam do domínio público aberto, e cujo acesso é controlado, privada ou publicamente.

Complementarmente, inspiro-me em Milton Santos (2) para definir os tipos de capitais referentes a essas escalas. Para o geógrafo brasileiro, a urbe é constituída por fluxos e fixos. Interessam aqui as correspondentes arquitetônicas das instâncias miltonianas, a partir das quais opero alguns desdobramentos.

Primeiro, os fluxos exigem um sistema de espaços através dos quais eles ocorrem: as redes viárias, que têm uma configuração. Daí decorre o nosso primeiro capital arquitetônico (e do respectivo acrônimo): o capital arquitetônico espacial fluxos (CAflu), correlato à segunda escala arquitetônica referida, a dos assentamentos como um todo. Indivíduos e grupos “desenham” sobre o chão os percursos que fazem na cidade, rotineira ou excepcionalmente; os percursos implicam certa quantidade de tempo envolvido na sua apreensão, distâncias percorridas, qualidade dos espaços que lhes correspondem, cuja variação distingue os sujeitos.

Segundo, os fixos de Santos podem ser divididos em dois tipos. O primeiro refere nossa terceira escala acima: partes da cidade, sejam conjuntos edificadas ou espaços abertos específicos – um bairro, um quarteirão, uma praça. Temos então o capital arquitetônico fixos abertos (CAfix): importa a qualidade do bairro que habitamos, ou da praça onde encontramos amigos e deparamos com desconhecidos, ou da praia que usufruímos no tempo livre. Como antes, esse acervo mobilizado pelos sujeitos é um índice de seu posicionamento social.

O outro tipo de fixo refere não mais o âmbito público aberto, mas o confinado e controlado, pública ou privadamente, nossa quarta escala referida: a de nossa casa, ou da loja do bairro, da escola frequentada, do local de trabalho. Esses fixos fechados são o nosso capital edifício (CAedi), cuja natureza e usufruto, novamente, é índice de distinção.

O tema deste artigo é a encenação do habitus em um fixo aberto de Brasília: o Parque das Garças. Em que consiste este CAfix dos sujeitos? Como ele se relaciona com a apropriação da cidade em que se insere? Como os demais capitais dos frequentadores são encenados no parque? Correlatamente, que sujeitos aqui encenam seus respectivos habitus? (Exploramos o parque em dois momentos anteriores, mediante: 1) um breve texto publicado em jornal diário – Parques para quem? [12] – e 2) um documentário em vídeo [13].)

Além da observação direta do sítio e de seu uso em várias visitas, em dias de semana e em domingos, foram aplicados 72 questionários com os frequentadores, para saber quem são, de onde vêm, o que fazem ali, como percebem o lugar. A seguir, os achados.

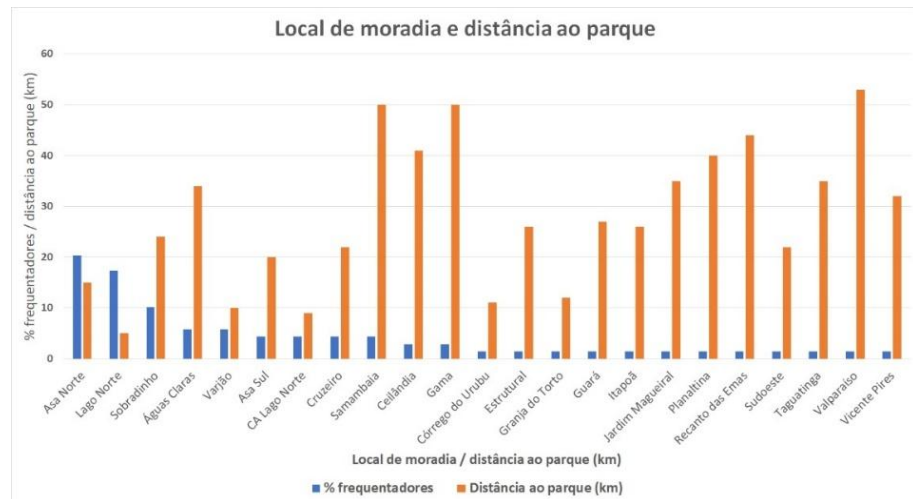
## **OS FREQUENTADORES**

### **Importância metropolitana**

O PG não é um parque de vizinhança, apesar do isolamento na ponta de uma península essencialmente habitacional e de alta renda. O parque fica localizado a 19 km do centro do Plano Piloto (Região Administrativa I), coração da metrópole brasiliense. A frequência é majoritariamente da periferia. Da península, do Centro de Atividades vizinho, e de outras áreas

contíguas ao bairro vêm 27% da gente. Do Plano Piloto, o “avião” de Lucio Costa, vêm outros 24%. Os restantes 49% vivem em outros bairros da cidade, alguns tão distantes quanto Planaltina, a 40 km, e Valparaíso, a 53 km, e o percurso médio considerados todos os frequentadores é 21 km (Gráfico 1); difere bastante do Parque da Cidade, no qual 70% dos frequentadores vêm do Plano Piloto, região onde fica o parque, e do seu entorno imediato (para as observações sobre o Parque da Cidade, a referência será sempre o trabalho de Kronenberger (7)).

Gráfico 1. Parque das Garças. Local de moradia dos frequentadores e respectiva distância ao parque

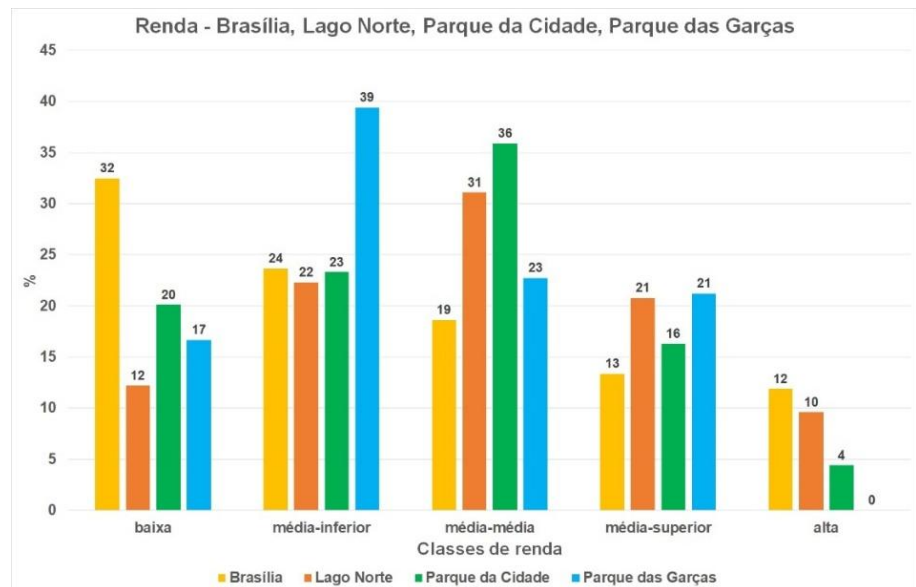


## Perfil de renda

As entrevistas revelam o perfil popular do parque, corroborando a moradia da população usuária em bairros distantes: 39% são da classe de renda média-inferior (>2-5 salários-mínimos – SM); outros 44% são da média-média e média-superior (>5-10 e >10-20 SM); nos extremos, são 17% da classe baixa (até 2 SM) e ninguém da classe alta (>20 SM). (Salário-mínimo vigente em 2023 = R\$ 1.320,00.)

A comparação entre as classes de renda de Brasília como um todo, do Lago Norte, do Parque da Cidade e do Parque das Garças contribui para entender a atração diferenciada que os dois parques exercem. O PC é mais metropolitano: localizado no coração da cidade, é de alta acessibilidade por transporte coletivo (ao contrário do PG, pessimamente servido), e, assim, atrai mais a classe baixa de renda, embora a diferença entre os dois parques seja pequena: PC = 20%, PG = 17%. Na classe média-média, o PC tem proporcionalmente quase o dobro de gente comparado a Brasília e ao PG. Isso coincide com maior incidência da prática de esportes individuais no primeiro (habitus de elite) contra atividades recreativas em grupo, no segundo (habitus popular) – poucos vão sozinhos ao PG. Os dados mostram também a grande diferença de perfil entre os moradores do Lago Norte e do Parque das Garças: decididamente não é um parque local (Gráfico 2).

Gráfico 2. Classes de renda: Brasília, Lago Norte, Parque da Cidade e Parque das Garças.  
(Fonte: 14, autor.)



## Escolaridade

Para 69% dos sujeitos que frequentam o PG, 1) os níveis de escolaridade de graduação e pós-graduação são de 49%, contra 51% com ensino superior incompleto ou menos; 2) a correlação entre renda e escolaridade não é alta ( $r$ -Pearson = 50%), e ter pós-graduação não significa necessariamente ter maior renda, pois entre os que detêm o título, o índice médio de renda é 3,1, ou seja, na base da faixa >5 a 10 SM.<sup>iii</sup> Contudo, se nem todos que têm pós-graduação estão no topo da renda, a recíproca não é verdadeira: todos que estão no topo da renda, exceto 1 caso, têm pós-graduação (o topo da renda aqui é a classe média-alta, e não a classe alta, que não apresentou ninguém). Em suma, corrobora-se uma frequência de classes médias e de escolaridade igualmente mediana, e revela-se uma curiosidade: pós-graduação é condição necessária para uma renda mais elevada, mas não suficiente para lá chegar.

## Cor autodeclarada

Nos parques, quando a cor autodeclarada é comparada àquela da cidade como um todo (14), vê-se que, assim como a renda nos parques é maior que a da cidade, também a predominância de classes médias, nos parques, implica um perfil de raça menos PPI (preto/pardo/índio) que na cidade toda (Gráfico 3). Também, e mais uma vez, o PG é mais popular que o PC, se a cor autodeclarada é um parâmetro, embora a diferença seja pequena. Por outro lado, é claro o contraste com o perfil de cor da RA Lago Norte, com amplo predomínio da branca.<sup>iv</sup>

## Idade dos frequentadores

Para efeito comparativo, em função de diferenças no levantamento feito entre os dois parques, considereei somente as idades dos frequentadores a partir de 18 anos (Gráfico 4). Os números são parecidos, salvo nas duas últimas faixas: fica evidente que o PG é mais caroável às pessoas de 50 anos e mais,

possivelmente dado o caráter mais tranquilo e afeito à contemplação da paisagem do que o PC. No PG a média de idade entre os entrevistados é de 39 anos.).

Gráfico 3. Cor autodeclarada: Brasília, Lago Norte, Parque da Cidade e Parque das Garças. (Fonte: 14; autor.)

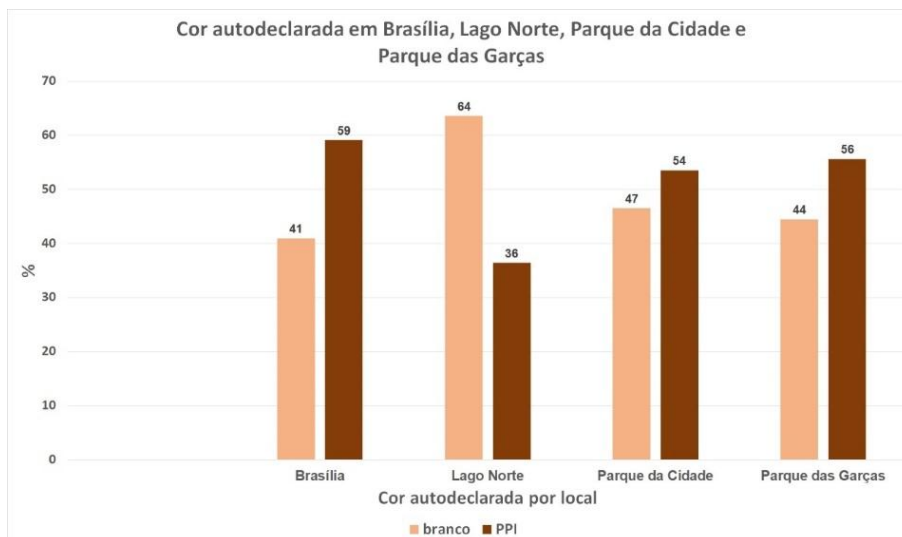
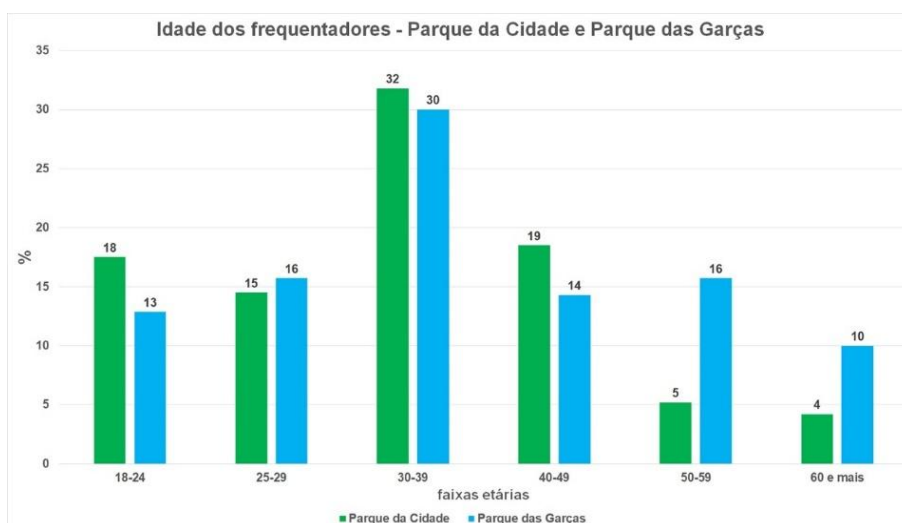


Gráfico 4. Idade dos frequentadores, no Parque da Cidade e no Parque das Garças. (Fonte: 7; autor.)

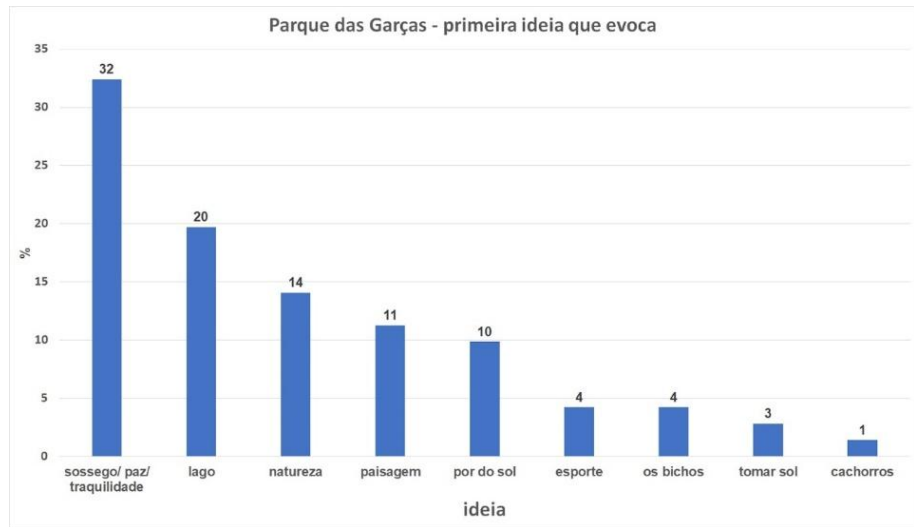


## Primeira ideia que o Parque evoca

“Paz, tranquilidade, sossego”: quando perguntados sobre a primeira ideia que o Parque das Garças evoca, esses afetos, juntos, somam 27% (Gráfico 5). Isso faz a diferença do PG para outros lugares citados pelas pessoas à guisa de comparação (a praia da Ponte JK, a praia das Mansões do Lago etc.), considerados cheios demais, barulhentos, “muvuca” etc. As quatro ideias seguintes não focam os afetos (“paz” etc.) porém a qualidade física ímpar do lugar: somados, lago, natureza, paisagem e pôr do sol somam 55% das citações. Qualquer projeto de intervenção aqui deveria respeitar as

qualidades do lugar que facultam esses afetos e sua identidade arquitetônica única.

Gráfico 5. Primeira ideia que o Parque das Garças evoca



### O que falta?...

Sobre “o que falta”, sobressai fortemente (32%) “estrutura de apoio”, rótulo que abarca bancos, mesas, churrasqueiras, banheiros, pias para lavar utensílios, lixeiras etc. (Gráfico 6) A seguir, vem o receio de que, digamos, “se mexer estraga”: “nada” foi frisado por nada menos que 19%. E, próxima, vem a falta de quiosques para servir pequenos lanches: 17%. Depois, 7% apontaram a necessidade de “reflorestar”, corroborando a degradação da paisagem do PG. Finalmente, a população aponta déficits diversos, mas com uma ou duas citações apenas: mais estacionamento, iluminação, melhorar o transporte para o parque, calçar trilhas, implantar entretenimento, melhorar a qualidade dos equipamentos de esportes já existentes (barras de musculação), fiscalização, higiene, a ausência de um parque infantil e de pesque-pague, e, curiosamente, duas proibições, itens que certamente, e com razão, contariam com a oposição da grande maioria: proibir cachorros e lanches. Muita gente leva seus pets para passear e a grande maioria está sentada na grama, muitos se alimentando.

### Tempo de permanência

O tempo de permanência também faculta distinguir os dois parques – o PC e o PG (Gráfico 7). A diferença não é grande, porém na permanência longa – mais de 2 horas – o PG apresenta 10 pontos percentuais acima do PC. Só assim vale vir de mais longe... A aplicação dos questionários mostrou que teria valido a pena modificar a última faixa temporal (para “mais de 2 h a 4 h”), e incluir mais uma faixa (“mais de 4 h”), ou talvez mais de uma: muita gente declarou passar o dia inteiro no PG, informação que se perdeu no levantamento.

Gráfico 6. De que os frequentadores sentem falta no Parque das Garças

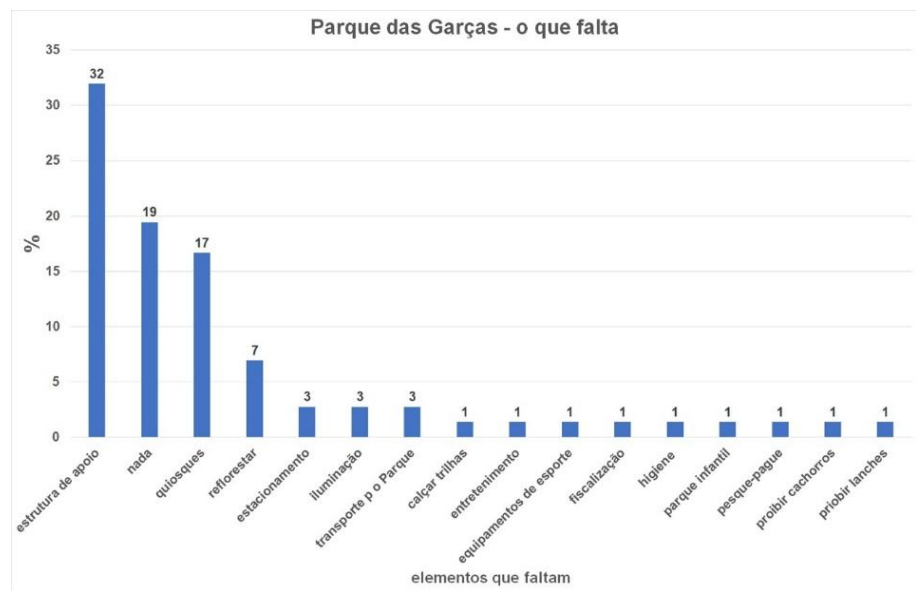
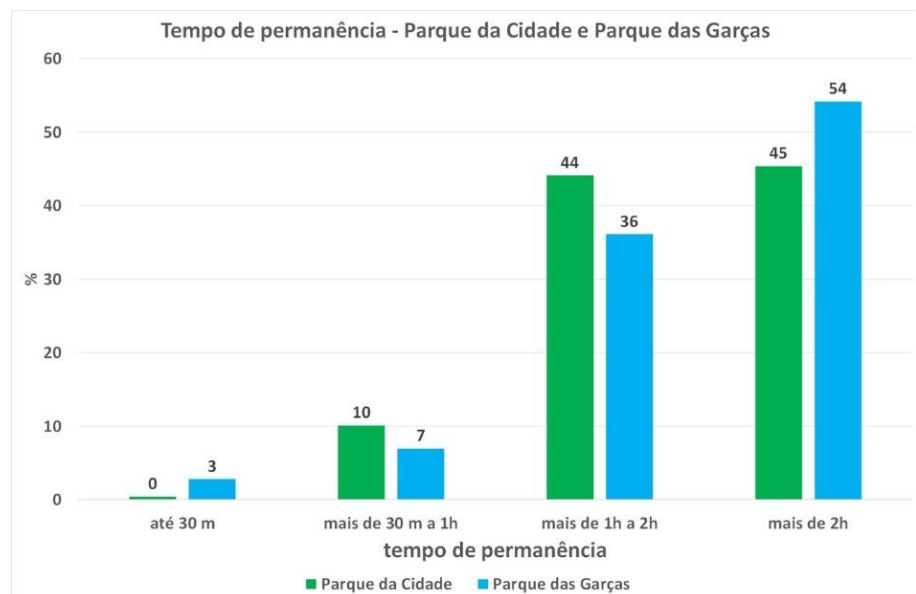


Gráfico 7. Tempo de permanência no Parque da Cidade e no Parque das Garças

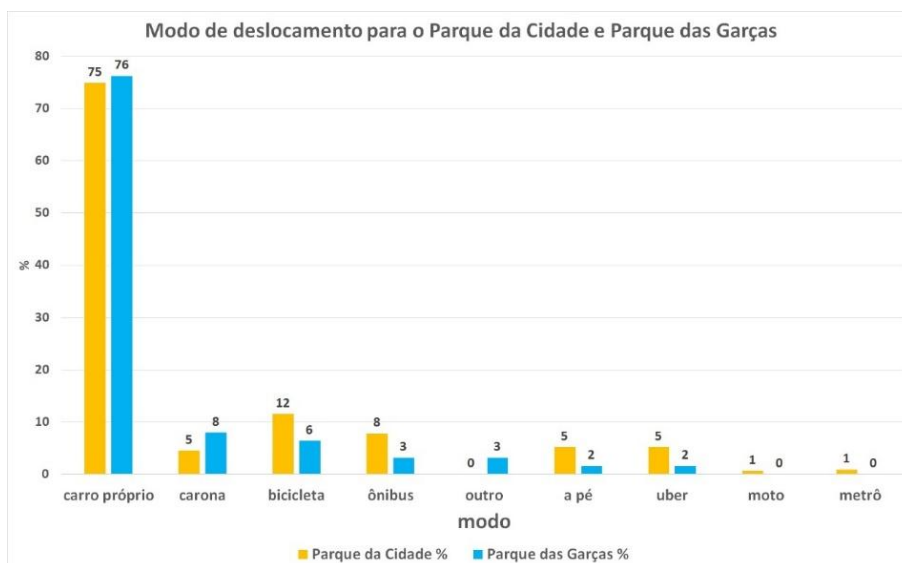


## Modo de deslocamento para o Parque

Novamente, as diferenças com o PC são informativas: nesse último, dada a proximidade e a quantidade de pessoas que vêm do próprio Plano Piloto, a bicicleta é usada pelo dobro das pessoas ante o PG (Gráfico 8); pela melhor acessibilidade por transporte público, quase 3 vezes mais usam o ônibus; mais que o dobro vêm a pé, assim como de Uber. Mesmo com predominância de renda média-baixa, surpreende que o carro particular seja o meio de transporte principal para chegar ao PG, mas que se explica pelo modo como o carro é usado nesse segmento de renda. Nas regiões administrativas de renda mais baixa, e para a gente majoritária no PG (classe média-baixa), o uso do carro acontece mais nas ocasiões festivas ou de lazer – é o caso. No bairro mais pobre da cidade – por exemplo, a Estrutural – apesar de 69% dos

domicílios terem pelo menos um carro, apenas 19% dos trabalhadores o utilizam comumente para ir ao trabalho (15).

Gráfico 8. Modo de deslocamento para o Parque da Cidade e para o Parque das Garças



## ATIVIDADES

Modificamos e complementamos a classificação das atividades realizada por Kronenberger (7), procurando ajustar ambiguidades e superposições, e adequá-las ao contexto do PG (Quadro 1). Comento a ocupação nos domingos, em que, no PC, se dá a presença de quase 80% da frequência, quando comparada às quartas-feiras, o outro dia em que se realizou o levantamento de Kronenberger (7).

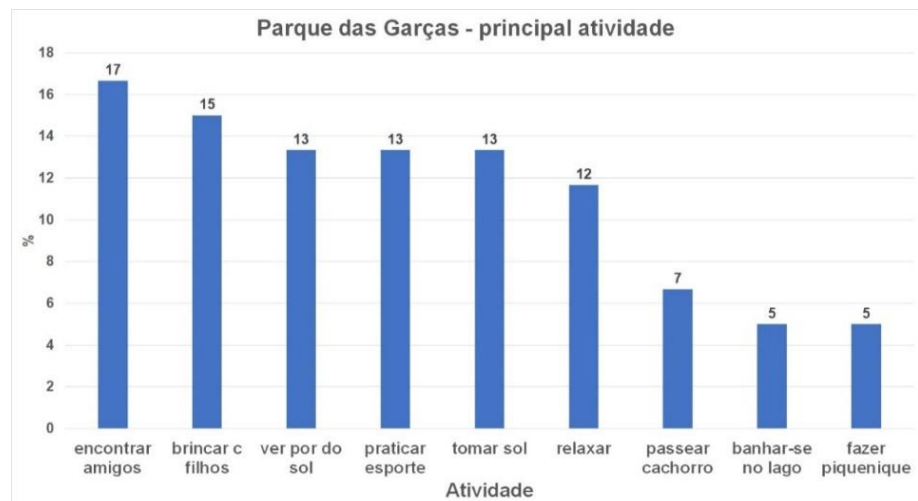
### Principal atividade realizada no Parque das Garças

Uma primeira impressão foi que a principal coisa que as pessoas fazem aqui são piqueniques, dada a quantidade de gente espalhada pelo gramado, com toalhas abertas e lanchinhos. Engano: do ponto de vista da população, é a última atividade apontada por ordem de importância (as pessoas foram instadas a citar apenas uma atividade, aquelas que acreditavam ser a mais significativa – Gráfico 9). O piquenique é pretexto para... outras atividades recreativas – ativas: encontrar amigos e brincar com as crianças, que somam 32% das citações. Isoladamente, brincar com as crianças somou 15% das citações: não existindo um parque infantil (como no PC), as crianças brincam entre si ou com os adultos, passeiam de bicicleta ou triciclos, banham-se no lago, pescam etc. Ou seja, sobressai o convívio – a encenação do capital social.

Quadro 1. Proposta de classificação das categorias de atividades dos usuários no Parque das Garças

|                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1) Atividades comerciais e de serviço</b>                                                                                     |
| Usufruto de bares, restaurantes, quiosques, vendedores ambulantes, massagistas dos quiosques de massagem                         |
| <b>2) Atividades culturais e artísticas</b>                                                                                      |
| Meditação, fotografia, pintura, capoeira, música, culto, yoga                                                                    |
| <b>3) Esportes individuais</b>                                                                                                   |
| 3.1. Caminhada, corrida, ciclismo                                                                                                |
| 3.2. Musculação, natação, alongamento, remo, <i>stand-up</i> , pesca                                                             |
| <b>4) Esportes de duplas ou coletivos</b>                                                                                        |
| 4.1. Esportes de duplas: tênis, frescobol                                                                                        |
| 4.2. Esportes coletivos: futebol, futsal, vôlei, vôlei de praia, futevôlei, basquete, dança ( <i>Hit Dance</i> )                 |
| <b>5) Piquenique/festa/churrasco</b>                                                                                             |
| Piquenique, churrasco, festas, celebrações como aniversários, chás revelação                                                     |
| <b>6) Outras atividades recreativas</b>                                                                                          |
| 6.1. Passivas: contemplar a paisagem ou as pessoas, relaxar, tomar sol                                                           |
| 6.2. Ativas: brincar com as crianças (fora dos parques infantis), namorar, encontrar amigos, banhar-se no lago, passear cachorro |
| <b>7) Parque infantil</b>                                                                                                        |

Gráfico 9. Principal atividade realizada no Parque das Garças, na percepção dos frequentadores



Claro, pode-se encontrar amigos enquanto se faz um piquenique – há atividades que se superpõem – mas é interessante verificar como as pessoas percebem o que estão fazendo. Corrobora-se a observação que Michael Benedikt (12) faz quanto à presença da gente nos lugares abertos das cidades:

em espaços públicos, em cidades movimentadas, as *pessoas gostam de olhar pessoas que olham outras pessoas*. Isso quer dizer que não é para ver edifícios ou marcos visuais que as pessoas se reúnem, menos ainda para ver o 'espaço'. É para ver-se mutuamente em formações amistosas. (16, p. 79, itálicos originais, minha tradução.)

Mas a infraestrutura para o encontro entre as pessoas é praticamente nula: elas simplesmente se sentam na grama, procurando a sombra das poucas árvores existentes. Tampouco existem mesas, bancos e churrasqueiras, conforto necessário para atividades que atraem pessoas durante muitas horas. Uma eventual melhoria aqui potencializaria o uso do lugar.

As atividades precipuamente relacionadas com a identidade do lugar têm um significativo número de citações: se somarmos ver o pôr do sol e banhar-se no lago com tomar sol e relaxar (relacionadas ao sossego do lugar), temos 43%. Sim, no PG há gente praticando caminhadas, corrida e ciclismo, e outras atividades em função da presença do lago – natação, remo, stand-up, pesca. Esses esportes predominantemente individuais, e com adereços e equipamentos sofisticados, sugerem a encenação de um capital econômico elevado. No entanto, embora a impressão visual sugira certa importância desse grupo, esportes, genericamente, tiveram somente 13% das citações (porém é intenso o uso do campo de futebol gramado, esporte coletivo, nesse caso, índice de *habitus popular*). Encontros sociais à parte, o PG é um lugar para descanso, relaxamento, contemplação.

As demais atividades constantes do Quadro 1 são praticamente ausentes no PG: 1) atividades comerciais e de serviço; 2) atividades culturais e artísticas; 4) esportes de duplas ou coletivos (exceto o futebol de campo); 7) parque infantil. Portanto, o PG tem potenciais inexplorados: respeitadas as condições do parque, implantados os equipamentos necessários, não há por que essas atividades não atraiam mais e diversas pessoas. O espaço é deficitário em um parque infantil, quadras poliesportivas, de piso duro ou de areia, mesas e churrasqueiras, ciclovia e faixa de caminhada de pedestres mais longas e mais bem conservadas a contornarem toda a orla, melhor exploração do lago, com um píer que adentre a água e um cais que sirva à ancoragem de pedalinhos ou barcos para passeios turísticos, bicicletas de aluguel para rodar inclusive dentro do próprio PG etc.

## O futuro do Parque das Garças

Há propostas na mesa, mas o futuro do PG ainda é uma incógnita. Oficialmente, há três lotes definidos, registrados em cartório, de posse da Companhia Imobiliária de Brasília – TERRACAP (empresa estatal do Governo do Distrito Federal), dois para comércio e serviços (Figura 4, direita) e um para uma igreja (Figura 4, esquerda) (17).

Por outro lado, há o Masterplan para a Orla do Paranoá, resultado de um concurso público realizado em 2017/2018. Ele modifica a configuração dos lotes da TERRACAP (Figura 5 – os números a seguir referem essa figura): mantém-se um lote para bares e restaurantes na orla leste ("03"); elimina-se o lote para a igreja; cria-se um grande lote na margem oeste ("05") para comércio e serviços; sugere-se uma praça de entrada ao Parque ("06"); prolonga-se as faixas de rolamento da Estrada Parque Península Norte, agora na forma de calçadas de pedestres internas ao parque que culminam num generoso píer ("07"); indica-se um playground ("19"); define-se uma área

para a prática de kitesurf (já aqui praticado, “02”); propõe-se uma praia na orla sudoeste (já existente, “01”).

Figura 4. Lotes constituídos em posse da TERRACAP. (Fonte: autor, baseado em [17].)



Figura 5. Masterplan para a Orla do Paranoá, no trecho do Parque das Garças. 1) praia; 2) prática de kitesurf; 3) pavilhão de bares e restaurantes; 4) estacionamentos; 5) comércio e serviços; 6) praça de entrada; 7) píer; 8) campo de futebol; 19) playground; 21) parada de ônibus. (Fonte: autor, baseado em [18].)



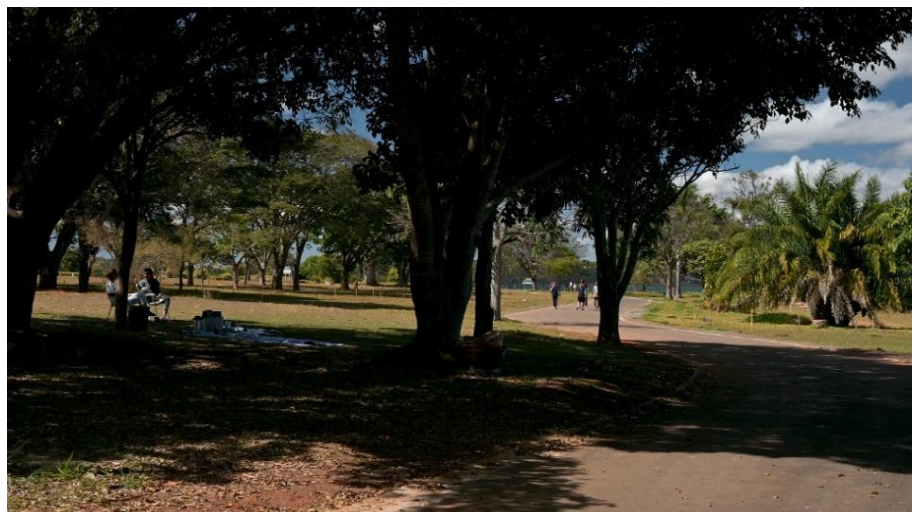
No entanto, o projeto pode ser melhorado em vários pontos. Falta a previsão de um bosque sob o qual haja mesinhas e churrasqueiras; propõe-se um campo de futebol (onde está o atual), mas sem a previsão de quadras poliesportivas para esportes de duplas ou coletivos; a ciclovia bloqueia a relação direta com a praia (entre “1” e “5”); o edifício de comércio e serviços ao longo da margem sudoeste (“05”) tem cerca de 170 m de comprimento, dificultando a acessibilidade e a visibilidade mais francas da maior parte da metade oeste do parque para o lago; embora se mantenha a praia no local hoje existente, desapareceria o generoso espaço livre contíguo à água (Figura 6), intensamente utilizado para socialização e piqueniques, que seria ocupado pela ciclovia e pelo edifício para comércio e serviços proposto; um

trecho hoje intensamente arborizado (Figura 7) seria em boa parte eliminado pelo novo prédio.

*Figura 6. Parque das Garças. Trecho da orla sudoeste*



*Figura 7. Parte da metade oeste do parque, mais intensamente arborizada*



A proposta para a metade oeste é similar ao exemplo do Pontão do Lago Sul, no bairro Lago Sul, o mais rico da cidade (Figura 8). Nesse caso, o espaço é agradável, com paisagismo bem projetado e mantido, e uma ótima pista de caminhada ao longo da orla. Contudo, lá não há mais praia (já houve), e as atividades se resumem a serviços para alto poder aquisitivo e caminhadas. Por enquanto, esse parece ser o destino traçado para o PG, desconsiderando a vocação do lugar, sua belíssima paisagem, e prejudicando a atual ocupação de perfil popular. Atividades para um público de renda alta são bem-vindas, conquanto respeitem usos consagrados e aproveitem potencialidades do lugar inexploradas, como a possível colonização da orla leste, hoje praticamente sem utilização (Figura 9). A área poderia abrigar os comércios e serviços propostos, seguindo, aliás, a sugestão do Masterplan, mas complementados com áreas para consumo de alimentos mais populares, como nos quiosques do Parque da Cidade.

*Figura 8. Pontão do Lago Sul*



*Figura 9. Parque das Garças. Trecho inexplorado da orla leste*



## CONCLUSÃO

A motivação desse estudo partiu de um aparente paradoxo: a apropriação popular de um lugar num bairro de elite, longínquo, e inacessível por transporte público. O que faz com que restrições da distância e custo de acesso sejam superadas, particularmente para os 56% de frequentadores que pertencem às classes de renda baixa e média-baixa? Por que os moradores do bairro em que o parque está, o quarto mais rico da cidade, são minoria (24%) entre a gente do parque, e que ninguém da classe de renda alta se faça presente?

Trata-se das relações arquitetura x comportamento. Este estudo novamente ilustra que estas não são de determinação simples, e que restrições de localização e configuração intrínseca dos lugares podem ser superadas. A forte identidade do parque explica sua preferência: ela o distingue de outros parques da cidade – a situação peninsular (quase uma ilha), as belas vistas, a disponibilidade generosa de espaços sombreados junto à orla para estender toalhas, fazer piqueniques, socializar – mais típicas do habitus

popular. Ainda assim as condições para tanto podem ser melhoradas, como a implantação de melhor estrutura de apoio e quadras polivalentes para esportes coletivos, hoje inexistentes.

Por outro lado, o lugar pode ser preparado também para atrair mais o público de esportes individuais, de maior capital econômico: melhorar a infraestrutura para caminhadas, corridas e ciclismo, tanto quanto implantar comércio e serviços mais típicos de consumo elitizado, porém colonizando áreas hoje ociosas e sem danificar lugares consolidados de uso popular (como, infelizmente, as propostas existentes implicam).

Uma cidade inclusiva não segrega as pessoas, apartando-as em bairros só para ricos, outros só para pobres – como em Brasília. Igualmente, parques inclusivos acolhem todos que o desejarem, independentemente de seu status social. O Parque das Garças pode e deve ser equipado para abrigar classes de diversos habitus, que se distingam encenando seus diversos capitais, mas que estejam todos ali, mutuamente visíveis, a testemunharem e respeitarem a alteridade, quintessência da urbanidade. Carece atentar para gostos populares tanto quanto para gostos da elite, e para as demandas que ambos fazem à arquitetura dos parques. Se as propostas na mesa forem implantadas, teremos, também no Parque das Garças, a repetição perversa da segregação, o usufruto desta belíssima paisagem apenas pelos mais privilegiados.

## AGRADECIMENTOS

O autor agradece ao Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa Sênior e aos parceiros do grupo de pesquisa Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização (DIMPU), fontes perenes de inspiração intelectual. O DIMPU está inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq).

## REFERÊNCIAS

1. HILLIER, Bill.; HANSON, Julianne. *The social logic of space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. ISBN 978-05-21367-84-4.  
<https://doi.org/10.1017/cbo9780511597237>
2. SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 3ª. Edição. São Paulo: Hucitec, 1999 (1996). ISBN 978-8531407130.  
<https://doi.org/10.22409/geographia2000.v2i3.a13382>
3. BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008 (1984). ISBN 978-06-74212-77-0.
4. HOLANDA, Frederico de. Brasília: dureza e suavidade. In: HOLANDA, Frederico de, 2019. *Construtores de mim*. Brasília: FRBH, p. 22-142. ISBN 978-85-64222-15-1.
5. HOLANDA, Frederico de. O verdadeiro, o bom e o belo. *Revista de Morfologia Urbana*, jul. 2022, v. 10, n. 2, Rede Lusófona de Morfologia Urbana, Porto. Disponível em:  
<http://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/266> . Acesso em: 28 jun. 2023. ISSN 2182-7214. <https://doi.org/10.47235/rmu.v10i2.266>
6. CURADO, Raphael S. D. F. *Capital espacial*. O espaço como poder. 166 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura

- e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/45827> . Acesso em: 27 jan. 2023.
7. KRONENBERGER, Bruna da Cunha. *Se encontraram, então, no Parque da Cidade*. O capital arquitetônico e sua distribuição no espaço público. 428 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/46644> Acesso em: 7 maio 2025.
  8. HOLANDA, Frederico de. *10 Mandamentos da Arquitetura*. 2ed. Brasília: FRBH, 2015. ISBN 978-85-64222-07-6.
  9. LITORAL. Direção: Frederico de Holanda. Produção de Frederico de Holanda. Brasília: FRBH, 31.1.2023. 1 vídeo (9 min), som, cor. Publicado pelo canal do YouTube Frederico Holanda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Om6SQggG4kl&t=5s> .
  10. HOLANDA, Frederico de. Brasília: Superblocks in perspective. *JOURNAL OF DESIGN FOR RESILIENCE IN ARCHITECTURE & PLANNING*, vol. 2, Special Issue, dez. 2021, p. 34-55, DOI: <https://drarch.org/index.php/drarch/article/view/65> ISSN 2757-6329. <https://doi.org/10.47818/drarch.2021.v2si034>
  11. HOLANDA, Frederico de. Casa-átrio: um exercício em autoanálise. In: HOLANDA, Frederico de (org.), 2011. *Arquitetura e Urbanidade*. 2ª edição. Brasília: FRBH, 2011, p. 154-191. 38p. ISBN 978-85-7165-016-0.
  12. HOLANDA, Frederico de. Parques para quem? *Correio Braziliense*, Brasília, 24 jul. 2023. Caderno 1, p. 11. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opinia0/2023/07/5110976-artigo-parques-para-quem.html>. Acesso em: 24 jul. 2023. ISSN 1808-2661.
  13. PARQUE DAS GARÇAS. Direção: Frederico de Holanda. Produção: Frederico de Holanda. Brasília: FRBH, 4.8.2023. 1 vídeo (16 min), som, cor. Publicado pelo canal do YouTube Frederico Holanda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v9xnemPgsdq&t=788s> .
  14. COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO PLANALTO CENTRAL – CODEPLAN. *Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD 2021-2022*. Brasília: CODEPLAN, 2021. <https://doi.org/10.29327/5134639>
  15. SECRETARIA DE TRANSPORTES E MOBILIDADE – SEMOB. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2020. *Plano de mobilidade ativa do Distrito Federal*. Brasília: SEMOB. <https://doi.org/10.29327/2137948.1.25>
  16. BENEDIKT, Michael. Architecture beyond experience. San Francisco: *Applied Research + Design Publishing*, 2020, p. 79 (minha tradução). ISSN 2702-4288.
  17. INSTITUTO DE PLANEJAMENTO TERRITORIAL E URBANO DO DISTRITO FEDERAL – IPDF. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 1996. *URB 142/96*. 1 mapa. Escala 1:2.000. Brasília: IPDF. <https://doi.org/10.29327/5108542>
  18. SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO DO TERRITÓRIO E HABITAÇÃO – SEGETH. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL, 2018. *URB 124/2018*. 1 mapa. Escala 1:1.000. Brasília: SEGETH.

## NOTAS

<sup>i</sup> O Parque Ecológico das Garças foi criado pelo Decreto Nº 23.316, de 25 de outubro de 2002, pelo Governador do Distrito Federal.

<sup>ii</sup> Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização – DIMPU, fundado em 1986 e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq, atualmente sob a coordenação do autor.

<sup>iii</sup> Para o cálculo da correlação, reduzimos as classes de escolaridade aos seguintes fatores: não estudou = 1, fundamental incompleto = 2, fundamental completo = 3, médio incompleto = 4, médio completo = 5, superior incompleto = 6, superior completo = 7, e pós-graduação = 8; e reduzimos as classes de renda aos seguintes fatores: até 2 SM = 1, >2-5 SM = 2, >5-10 SM = 3, >10-20 SM = 4, >20 SM = 5.

<sup>iv</sup> A categoria PPI reúne pardos, amarelos, indígenas e pretos. Dada a falta de clareza que provoca, na próxima versão do questionário será eliminada a categoria “amarela”.

**Submetido: 01/04/2024**  
**Aceito: 05/05/2025**